

# Comunicação, Cidadania e Movimentos Sociais Vivências

Caroline Kraus Luvizotto e Isabel Ferin Cunha (Orgs.)  
Prefácio: Piero Dominici



Caroline Kraus Luvizotto  
Isabel Ferin Cunha  
(Orgs.)

**Comunicação,  
Cidadania e  
Movimentos Sociais  
Vivências**

Prefácio Piero Dominici

## **Ria Editorial - Comité Científico**

Abel Suing (UTPL, Equador)  
Alfredo Caminos (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina)  
Andrea Versuti (UnB, Brasil)  
Angelo Sottovia Aranha (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Anton Szomolányi (Pan-European University, Eslováquia)  
Carlos Arcila (Universidad de Salamanca, Espanha)  
Catalina Mier (UTPL, Equador)  
Denis Porto Renó (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Diana Rivera (UTPL, Equador)  
Fatima Martínez (Universidad do Rosário, Colômbia)  
Fernando Ramos (Universidade de Aveiro, Portugal)  
Fernando Gutierrez (ITESM, México)  
Fernando Irigaray (Universidad Nacional de Rosario, Argentina)  
Gabriela Coronel (UTPL, Equador)  
Gerson Martins (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Brasil)  
Hernán Yaguana (UTPL, Equador)  
Jenny Yaguache (UTPL, Equador)  
Jerónimo Rivera (Universidad La Sabana, Colombia)  
Jesús Flores Vivar (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)  
João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal)  
John Pavlik (Rutgers University, Estados Unidos)  
Joseph Straubhaar (Universidade do Texas – Austin, Estados Unidos)  
Juliana Colussi (Universidad do Rosario, Colombia)  
Koldo Meso (Universidad del País Vasco, Espanha)  
Lorenzo Vilches (Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha)  
Lionel Brossi (Universidad de Chile, Chile)  
Maria Cristina Gobbi (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Maria Eugenia Porém (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Manuela Penafria (Universidade da Beira Interior, Portugal)  
Marcelo Martínez (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha)  
Mauro Ventura (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Octavio Islas (Pontificia Universidad Católica, Equador)  
Oksana Tymoshchuk (Universidade de Aveiro, Portugal)  
Paul Levinson (Fordham University, Estados Unidos)  
Pedro Nunes (Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Brasil)  
Raquel Longhi (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil)  
Ricardo Alexino Ferreira (Universidade de São Paulo – USP, Brasil)  
Sergio Gadini (Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Brasil)  
Thom Gencarelli (Manhattan College, Estados Unidos)  
Vicente Gosciola (Universidade Anhembi Morumbi, Brasil)

Comunicação, Cidadania e Movimentos Sociais: Vivências. Caroline Kraus Luvizotto & Isabel Ferin Cunha (Orgs.). - 1a edição - Aveiro: Ria Editorial, 2020.

320 p.

Livro digital, PDF.

Arquivo Digital: download e online  
Modo de acesso: [www.riaeditorial.com](http://www.riaeditorial.com)  
ISBN 978-989-8971-29-6

Prefácio Piero Dominici

1. Comunicação. 2. Cidadania. 3. Movimentos Sociais. I. Luvizotto, Caroline Kraus. II. Cunha, Isabel Ferin. III. Título.

*Copyright* das imagens pertencem aos seus respectivos autores.

© Design e Foto de Capa: Denis Renó

Diagramação: Luciana Renó

© Ria Editorial  
Aveiro, Portugal  
[riaeditora@gmail.com](mailto:riaeditora@gmail.com)  
<http://www.riaeditorial.com>



Licença:

>: Atribuição - Não Comercial - Sem Obras Derivadas 4.0 Internacional

>: Você é livre para:

- copiar, distribuir, exibir, e executar a obra

Baixo as seguintes condições:

- Atribuição. Você deve atribuir a obra na forma especificada pelo autor ou o licenciante.

- Não Comercial. Você não pode usar esta obra com fins comerciais.

- Sem Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar sobre esta obra.

<https://creativecommons.org/licenses/?lang=pt>



# **Narrativas de Resistência da Página #UERJResiste no Facebook em Tempos de Ódio às Universidades Públicas e à Ciência no Brasil**

André Luís Cardoso Tropiano  
Neiva Vieira da Cunha

Estar ou não estar nas mídias sociais? Para além de ser uma escolha, estar nas mídias sociais é parte importante e fundamental da disputa narrativa que acontece na internet, como a possibilidade de uma arena pública (Cefaï, 2011, 2017a, 2017b). Porém, a configuração desse meio como mediador privilegiado do sistema social ainda está a prova e precisa ser questionado e instigado a se constituir enquanto espaço plural e democrático. Ainda carecem muitas ações, sobretudo no âmbito da proteção de dados e da privacidade, do tratamento da desinformação e dos discursos de ódio.

Ocupar as mídias sociais tornou-se estratégia primordial de existência dos movimentos sociais. Eles precisaram se reinventar no uso dessas redes que reconfiguram o cotidiano e trazem novas formas de sociabilidade. Inseridos nesse cenário, os movimentos sociais em rede buscam mobilizar seus esforços para fomentar e equilibrar o debate público a seu favor (Castells, 2017). Desta forma, pretendemos neste artigo refletir sobre a atuação da página #UERJResiste no Facebook

(figura 1), criada no ano de 2016, e que se constituiu no ano de 2017 como importante bandeira em defesa da Universidade Pública no Brasil.

## Figura 1

*Página de #UERJResiste no Facebook*



UerJResiste (s.d.)

Este artigo está dividido em três partes. Na primeira parte, refletiremos sobre os desafios dos movimentos sociais em rede no Facebook, nessa perspectiva de uma Sociedade em Rede. Na segunda parte, buscaremos compreender o contexto em que surgiu o movimento em defesa da Uerj intitulado #UERJResiste, bem como sua caracterização como arena pública. Na terceira parte, analisaremos as narrativas construídas por meio de uma etnografia da página #UERJResiste no Facebook.

### Parte I - Disputar Narrativas no Facebook

Atualmente normalizamos a existência de grandes corporações da internet, como o Facebook, que tem acesso fácil aos nossos dados, desde

e-mail, telefone até números de documentos e cartões de crédito em prol de uma praticidade e de uma suposta liberdade. A reflexão proposta por diversos críticos da internet, como Keen (2012) e Pariser (2012), atenta para a necessidade de observar o fenômeno com certa cautela, sobretudo com o crescimento dos monopólios empresariais que expandem seus domínios nas redes.

Esta discussão traz à luz algumas controvérsias do *Facebook* em relação à sua política de privacidade, propaganda e enquanto uma mídia, que precisa ser discutida e devidamente regulamentada. Destacamos que os aplicativos de Mark Zuckerberg estão entre os mais utilizados pelos brasileiros, o *WhatsApp*, *Instagram* e *Messenger*, além do próprio *Facebook*. Recentemente, vimos por meio do documentário da *Netflix*, *Privacidade Hackeada* (2019), lançado em 24 de julho de 2019, o caso da venda de dados dos usuários realizada pelo *Facebook* à empresa *Cambridge Analytics*. Esses dados foram utilizados para influenciar as eleições em democracias ao redor do mundo através de estratégias políticas-discursivas de persuasão.

O documentário aponta ainda o caso do Brasil, em que pelo menos 400 mil usuários tiveram seus dados violados na ocasião das eleições presidenciais de 2018. O caso reverberou, inclusive travando consequências jurídicas ao Facebook em vários países. No Brasil, a empresa foi multada no valor de 6,6 milhões, no final do ano passado, mas a questão pouco repercutiu nos espaços e na própria rede, não gerando um debate mais significativo sobre a questão da privacidade e da gestão dos dados (“Ministério da Justiça multa Facebook em R\$6,6 milhões em apuração sobre compartilhamento de dados”, 2019).

Esses vários escândalos de venda de dados pelos sites de redes sociais nos levam a refletir em que medida o consentimento de liberação de dados por parte dos usuários pode permitir que eles sejam compartilhados com empresas e influenciar o consumo às opiniões políticas? Malini e Antoun (2013) observam que as estratégias empregadas pelas empresas na Internet são sempre de redução da liberdade em favor de sua mercantilização e acumulação de capital através das informações coletadas.

Conforme propõe Castells (2003, 2017) podemos pensar a realidade atual sob o paradigma da Sociedade em Rede, em que as redes digitais assumem papel fundamental nas relações econômicas, sociais e culturais. Elas não devem ser pensadas como um fator de alienação, mas sim como o tecido de nossas vidas, que se ligam pela cultura e pelo idioma numa conexão global. A sociedade em rede está fundamentada em uma “disjunção sistêmica entre o global e o local para a maioria dos indivíduos e grupos sociais”, acarretando desafios sociais e econômicos com o protagonismo da comunicação (Castells, 2003, 2017).

Apesar de todo o contexto desfavorável, as mídias sociais se configuram como um espaço já consagrado de ação política, mas é preciso estar atento às suas limitações. Como uma mídia, o Facebook tem os seus interesses e ainda padece das regulações necessárias, uma vez que as decisões arbitrárias vêm tomando maiores proporções na sociedade. Neste sentido, é importante pensar nos processos de ensino-aprendizagem imbuídos nos processos comunicativos das mídias sociais. A atenção do usuário e a disputa de narrativas pelos movimentos sociais são elementos fundamentais para equilibrar o debate público em favor de pautas emancipatórias.

Castells (2017) reforça que as tecnologias de comunicação não estão na raiz dos movimentos sociais, mas sim que “surgem da contradição



e dos conflitos de sociedades específicas, e expressam as revoltas e os projetos de pessoas resultantes de sua experiência multidimensional.” (pp. 198-199). Acrescenta-se a isso a importância do caráter educativo resultante da ação política e cidadã nos movimentos sociais para pensarmos a mudança política e social, como nos chama a atenção Gohn (2003, 2011).

Diante disso, observamos que existem mudanças fundamentais nos novos movimentos sociais e políticos (Gohn, 2011), que emergem em suas lutas fundados na indignação de uma coletividade fragmentada e descentralizada transitando entre *online* e *offline*. Através da cultura de autonomia disseminada nas mídias sociais, o *Facebook* surge como plataforma potencial para se expor os posicionamentos políticos e dialogar com ações de comunicação e de mobilização, através de *hashtags*, personalização de perfis, memes e viriais multimídia.

Dessa forma, estamos diante de novos movimentos sociais, os quais Castells (2017) nomeia de movimentos sociais em rede, nesta cultura que disputa espaço em relação às questões econômicas e contestam os poderes e imperialismos globais. Apesar de Castells (2016, 2017) observar de maneira crítica o poder das empresas de internet que está cada vez mais concentrado, ele aponta as várias frentes de resistências ao redor do mundo, entendendo que a internet é um eterno território de luta por liberdade.

## **Parte II - Ocupar as Redes e Mobilizar a Defesa da Universidade Pública**

A luta pela liberdade é o que motiva a ação de movimentos sociais em rede. Liberdade que, conforme Freire (1967), não é concedida, mas se dá na relação com o outro, pelo diálogo, da interação construtiva e

libertadora, ou seja, está em constante disputa pelas redes de autonomia comunicativa. A estratégia de ocupação das redes é a maneira pela qual os movimentos sociais podem dialogar com seus conhecimentos e trazer às arenas sociais suas pautas de reivindicação.

Essas disputas constituem o que Cefaï (2011, 2017a, 2017b) chama de arenas públicas, que são experiências coletivas de construção de políticas públicas e de experiências democráticas, que podem ser um tanto conflituosas, mas fazem parte do processo político quando se constrói novas possibilidades de um mundo comum e justo. Para o sociólogo, “os problemas públicos são **movimentos sociais** cujos membros reconstróem fatos, lançam-se em investigações, analisam dados oficiais, buscam elementos de comparação, testam hipóteses e agem em consequência.” (Cefaï, 2017a, p. 131)

Os problemas sociais se tornam problemas públicos quando são alvo de um trabalho coletivo de reflexão e discussão, ao serem publicizados e irem além das pessoas que são diretamente afetadas, ao se formarem de maneira autônoma e quando interpelam os poderes públicos para a solução dos problemas. Conforme os problemas são apresentados enquanto uma realidade social, sua publicização adota uma retórica de dramatização, de cenas públicas, em que vão trazer mais públicos afetados, instituições, associações, especialistas que corroborem ou concorram para os conflitos e disputas que vão gerar ações públicas a partir da arena pública constituída.

Essa publicização dos movimentos sociais em rede é disseminada principalmente por meio das *hashtags*, que são sempre iniciadas com o símbolo “#” e cumprem um papel primordial na organização, localização e busca de assuntos que ocupam os sites de redes sociais, conforme

Malini e Antoun (2013). A própria grafia de #UERJResiste, apresentada na figura 2, utilizada em todos os materiais do movimento na internet e nas ruas, revela uma intenção de se constituir enquanto uma ação que se propaga e gera engajamento num movimento simbiótico entre internet e as ruas, tal como as ocupações.

## Figura 2

*Imagens utilizadas no perfil da página #UERJResiste*



UerjResiste, 2016a; UerjResiste, 2016b; UerjResiste, 2018.

O pragmatista Cefaï (2011, 2017a, 2017b) não faz uma relação direta, na literatura consultada, entre as arenas públicas e as redes sociais na internet, passando apenas pelos fóruns de deliberação e participação democrática instituídos pelos governos. Porém, observamos que as redes sociais na internet têm assumido um papel fundamental de participação social e democrática. Por isso, têm ganhado força e presença dos movimentos sociais, que tem a possibilidade de gerar suas arenas públicas e, inclusive influenciar os debates públicos em outras esferas sociais. Sendo assim, entendemos que #UERJResiste passa a ser uma arena pública que debate a autonomia e as formas de financiamento da Universidade, pois não se limita à atuação da página do *Facebook*,

mas afeta e mobiliza pessoas, instituições e dinâmicas cívicas nesse processo reflexivo de solução do problema público que ela apresenta.

O professor Ricardo Lodi Ribeiro (2019), atual reitor da Uerj, caracterizou a situação política atual como uma guerra cultural contra a Universidade Pública. Ele explica que a autonomia proposta se desdobra em três facetas: didática-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, indicando que essa autonomia não pode estar à mercê de uma política de governo, pois a Universidade brasileira é uma das cinco entidades autônomas, conforme assegura a Constituição. Ao concluir, Ribeiro afirma que é possível vislumbrar um horizonte de autonomia para as Universidades, que não se resume no repasse financeiro dos duodécimos, somente quando houver a construção de seus orçamentos de maneira própria reunindo os interesses da comunidade acadêmica e da sociedade.

As lutas dos movimentos sociais da Uerj contra os abusos do Estado se intensificaram no ano em que a cidade foi sede dos Jogos Olímpicos, em 2016. Servidores, alunos e terceirizados padeceram por mais de três meses sem receberem seus salários e bolsas e, quando recebiam, o pagamento era feito em parcelas ao longo do ano, em conta-gotas. Naquele ano, durante a posse do reitor Ruy Garcia Marques, em janeiro, o Governador Luiz Fernando Pezão anunciou que “as Universidades Públicas brasileiras precisam urgentemente organizar suas ferramentas de gestão. Aprimorar seus modelos de governança e encontrar novas formas de financiamento” (“Uerj terá orçamento 2% menor que o executado em 2015, diz novo reitor”, 2016).

Nesse contexto surge a página #UERJResiste, que foi criada em 28 de janeiro de 2016 e atualmente conta com mais de 68 mil seguidores.<sup>1</sup> A criação da página se deu pelo Conselho Diretor da Associação de Docentes da Uerj (Asduerj) objetivando dar visibilidade ao movimento de resistência da Universidade com um discurso unificado frente aos problemas impostos pelo Estado e a ameaça iminente de privatização, como um reflexo das pautas da associação sindical. A página assume um regime de publicização vinculada a Associação Docente da Uerj (Asduerj) que se mostra através de uma diferente performance pública, pois cria-se um novo caráter institucional, até mesmo dentro de uma nova dinâmica de organização que não está diretamente ligada a instituição sindical. Daniel Cefaï (2011) caracteriza essas “fachadas” como uma estratégia de publicização, que compõe essas várias formas de mobilização coletiva de uma arena pública.

Importante destacar que #UERJResiste também está presente no *Twitter* e no *Instagram*, além de manter um domínio de site [www.uerjresiste.com](http://www.uerjresiste.com), que são mantidos pelos seus membros. Numa comparação com outras páginas relacionadas à Universidade, conseguimos perceber um alcance expressivo em termos de número de seguidores da página de #UERJResiste. Por exemplo a página oficial da UERJ, conta atualmente com 99 mil, UERJ da Depressão, com 100 mil, Asduerj, com 21 mil, DCE-UERJ, com 20 mil seguidores.<sup>2</sup> Importante destacar que durante o período estudado, o ano de 2017, as demais páginas tinham números inferiores aos consultados, inclusive a página oficial, que passou a ter uma frequência de postagem maior a

---

1. Dados conferidos em 11 jun. 2020.

2. Dados conferidos em 14 jun. 2020.

partir do referido ano. Nessa dinâmica conectiva, também foi possível ao usuário do *Facebook* manifestar seu apoio por meio da aplicação da marca da campanha de #UERJResiste à sua foto de perfil. Em consulta ao *site Twibbon*, verificamos que o uso dessa personalização contou com 5.180 apoios.

### **Parte III - Narrar a Resistência: uma Etnografia de #UERJResiste**

Como a pesquisa transcorreu em período posterior ao recorte temporal adotado, utilizamos o *Netvizz*, que é uma ferramenta desenvolvida no contexto do *Digital Methods Initiative* (DMI) pelo pesquisador Bernard Rieder. Com apoio do *Netvizz*, extraímos uma planilha das postagens realizadas pela página #UERJResiste, contendo data, texto postado, link das imagens e o link direto da postagem, além dos dados estatísticos das reações, comentários e compartilhamentos. A partir daí, analisamos todas as postagens manualmente, acessando *link por link*, desde 1º de janeiro a 09 de abril de 2017, totalizando 266 postagens, sendo 194 fotos e 72 vídeos. O recorte temporal da pesquisa corresponde ao período em que a Uerj ficou fechada em função da falta e/ou atraso de verbas para pagamento dos serviços de manutenção por parte do governo do estado. Fechamos nosso recorte temporal no dia 9 de abril de 2017, pois marca o dia anterior ao anúncio de retorno às atividades da Universidade, naquele período.

Visando construir uma descrição etnográfica da página #UERJResiste, seguimos então a definição proposta pelo antropólogo François Laplantine de que “a descrição etnográfica é a realidade social apreendida a partir

do olhar, uma realidade social que se tornou linguagem e que se inscreve numa rede de intertextualidade.” (Laplantine, 2004, p. 31). Neste sentido, quando entendemos o ambiente digital como um campo empírico, existem implicações em rede que conectam não apenas os assuntos e os conteúdos abordados dentro da Internet mas também, em certa medida, todos extrapolam para o mundo físico e geram polêmicas e controvérsias, o que expande o alcance discursivo e midiático do assunto tratando-o na esfera da ação política. Essa descrição toma corpo como narração, que envolve objetos, participantes e pesquisador numa relação ativa.

A partir desta perspectiva, entendemos que esta pesquisa percorre um dos caminhos definidos por Leitão e Gomes (2017), como *etnografia-stalker*, ou o que as pesquisadoras Suely Fragoso, Recuero e Amaral (2011) adotam como perspectiva *lurking*, em que o pesquisador observa e vai percorrendo o fluxo das socialidades sem que para isso se identifique aos pesquisados. O pesquisador observador atento às movimentações, vai rastreando os espaços e viajando, enquanto usuário da própria rede, por onde sua curiosidade vai levar (Leitão & Gomes, 2017, p. 54).

Num primeiro momento, analisamos e codificamos cada postagem, enquadrando-as em alguma categoria, quando emergiram mais de dez categorias, provenientes de determinados padrões e similaridades. Em um segundo momento, ao analisar mais profundamente o material buscando traduzi-lo de maneira mais objetiva e completa, reagrupamos cada tipo de postagem chegando a quatro categorias. Cada categoria foi nomeada segundo as características das suas postagens, num processo de reflexão e diálogo constante, em que foram intituladas como Políticas Midiáticas, Discursos do Resistir, Partilhas Educativas e Poéticas

da Identidade. Vejamos abaixo as características e exemplos de *posts* de cada categoria.

Essa divisão em categorias não pretende se esgotar e nem aprisionar cada postagem em apenas uma delas, pois muitos *posts* podem ser encaixados em mais de uma categoria. Importante destacar o fato de que todas as postagens analisadas continham imagens, mesmo sendo *prints* de textos, uma vez que a plataforma do Facebook privilegia a exposição de imagens a textos nas *timelines*, o que se trata de uma estratégia importante.

### **Políticas Midiáticas**

Composta pelas notícias e matérias republicadas pela página com origem na mídia hegemônica, tal como jornais, revistas e telejornais, as postagens reagrupadas nessa categoria divulgam vídeos e fotos de eventos organizados pela própria página ou por terceiros, além de informes e convocações para os mais variados eventos e mobilizações. O termo “políticas”, integrado ao nome desta categoria abrange múltiplos significados, podendo ser entendido como normas, condutas, bem como os relacionamentos com o agenciamento midiático e a mobilização. A nomeação dessa categoria parte do entendimento de que a página se coloca enquanto uma mídia dentro de uma mídia social. Por isso, a maior parcela das postagens versa sobre a divulgação dos eventos de mobilização, dos quais contabilizamos 24 eventos no período analisado, sendo eles próprios, específicos da Uerj, unificados com servidores estaduais e de causas externas. Tudo que pode se inserir num contexto de divulgação, no sentido de informar sem necessariamente querer persuadir e sem apresentar um uso emotivo de linguagem, está contido



nessa classificação. Os conteúdos mais emotivos, mais persuasivos, que implicam numa dramaturgia pública e que chamam a uma participação, apoio direto ou ação efetiva à causa se ajustam melhor na categoria Discursos do Resistir.

A figura 3 representa um dos tipos de postagem mais populares na página que comenta as decisões do Fórum de Diretores. Muitos dos comentários nessa postagem se referiam a pessoas marcando amigos da rede social para que vissem a notícia e se atualizassem sobre o funcionamento da Universidade.

### Figura 3

#### *Divulgação sobre o Fórum de Diretores*



UerjResiste (2017a)

A figura 4 apresenta a participação da Professora Tânia Carvalho Neto, Sub-reitora de Graduação, no Programa Sem Censura, da TV Brasil, transmitido em 31 de janeiro de 2017, que versava sobre o tema “Volta às Aulas”. A sub-reitora reforçou um novo adiamento do retorno às

atividades da Uerj, sem uma previsão clara e definitiva, pois não havia uma sinalização do Estado em resolver a situação do pagamento dos servidores.

#### **Figura 4**

*Sub-reitora fala no programa Sem Censura.*



UerjResiste (2017b)

Ainda nessa categoria, para além dos eventos de mobilização nas ruas e das manifestações artísticas e culturais, algumas postagens tinham uma vertente política mais afrontosa, uma vez que surgiam muitos pronunciamentos de políticos em ataque à Universidade, o que corroborava para uma desinformação da população sobre a real situação da Uerj, conforme as figuras 5 e 6.

A reação das pessoas à publicação contendo a postagem do Secretário (figura 6) foi positiva: das 294 reações, 266 foram de curtidas. Mas dentro dos comentários muitos questionavam as intenções do político e outros tentavam mobilizar uma ação na internet através de comentários de “SOS UERJ” na página do Secretário.

## Figura 5

### *Convocação/Provocação ao Governador*



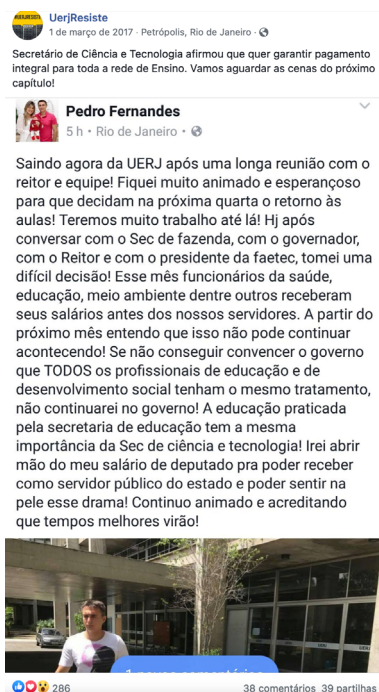
UerjResiste (2017c)

A relação com o governador do Estado é das mais conflituosas. Em 27 de janeiro de 2017, em entrevista à rádio CBN (2017), o governador criticou a direção da Uerj ao dizer que ela se escudava na autonomia universitária para não debater os números do orçamento. Em 24 de março de 2017, veio a público através dos jornais os planos do governador de cortar em 30% o salário dos professores da Uerj caso não retomassem as aulas (Mattos, 2017). A Uerj buscou os aparatos jurídicos para se defender das ingerências do governo do Estado, sendo concedido pela Justiça do Rio um mandado de segurança impedindo qualquer corte salarial. Durante todo o período de crise houve uma judicialização dos processos e muita luta na rua, na ALERJ e no Ministério Público.

Os movimentos também buscaram apoio no Congresso Nacional e no STF (“Uerj vai recorrer ao STF autonomia financeira para obrigar RJ a repassar verba”, 2017).

## Figura 6

### *Secretário de Ciência e Tecnologia*



UerjResiste (2017d)

## Discursos do Resistir

Nessa categoria estão incluídas as postagens que remetem diretamente às ações de resistência política, tais como as moções e declarações de apoio, campanhas e críticas às questões sócio-políticas, bem como as

manifestações de apoio às lutas de outras instituições. Todas as postagens que corroboram e disseminam o discurso da resistência. Poderia se considerar que todas as postagens são, de alguma forma, um discurso de resistência, por tratar-se de uma página chamada #UERJResiste. Porém, nem todas as postagens têm essa intencionalidade, num tom emotivo de linguagem. É na função emotiva que diferenciamos esta categoria das demais, conforme já falado no item anterior quando abordamos as políticas midiáticas.

Esta categoria emerge com um volume maior de conteúdos próprios, principalmente em vídeos, que demonstram apoio de artistas e professores. Entendemos que nesta categoria prevalece uma construção discursiva de apoio ao movimento, que legitima e reforça o movimento perante os seguidores e o público em geral que visualiza a página e que pode, assim, melhor dimensionar a importância do movimento e da causa defendida. Essa resistência também é calcada numa identidade coletiva e num apelo à opinião pública. Nesse campo, o que mais nos chamou atenção foi a ligação da Universidade com a cultura popular através do samba, estreitando ainda mais a sua intimidade com a favela da Mangueira. O samba como verdadeiro motor da vida cotidiana nas favelas e periferias do Rio de Janeiro e expressa sua resistência cultural junto a Uerj.

Na figura 7, o vídeo do sambista Aluísio Machado, figura recorrente nas mobilizações em defesa da Universidade. Também foram postados apoios de professores, artistas, atores, cantores, deputados entre outros. Em 09 de abril, um dia antes do retorno das aulas na Uerj, a página publicou um vídeo do ator Mateus Solano (figura 8), destacando a importância da Universidade e chamando a população a apoiá-la. No vídeo, o

ator da Rede Globo, consagrado em diversas novelas do horário nobre, diz em um trecho da sua fala:

@UERJResiste: [...] A UERJ é um símbolo de esperança, esperança de que a vida pode ser melhor pela Educação, esperança de que todos podem chegar à Universidade. Mas parece que o Governo do Estado e o Governo Federal não sabem disso. Estão tentando sufocar a UERJ. Calar a sua fala, matá-la. Mas a Uerj não morreu. A Uerj resiste, está viva e conta com o seu apoio. Você também pode fazer parte dessa luta. Participe, divulgue. Lute conosco. (UerjResiste, 2016)

O vídeo de Mateus Solano teve mais de 79 mil compartilhamentos e mais de 2,4 milhões de visualizações, sendo a mais visualizada da página. As atividades da Uerj foram retomadas mesmo com pagamentos atrasados de servidores e de funcionários terceirizados, porém com ajustes entre as empresas de limpeza e segurança (Rouvenat, 2017).

## Figura 7

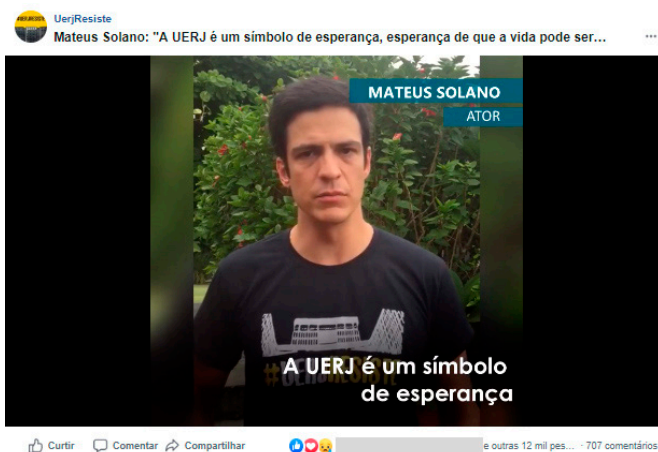
*Vídeo do Sambista Aluísio Machado*



UerjResiste (2017e)

## Figura 8

### *Video do Ator Mateus Solano*



UerjResiste (2017f)

## Partilhas Educativas

Compreende as postagens que têm um conteúdo mais reflexivo e pedagógico, mais engajado em esclarecer determinados assuntos, a exemplo da reforma da previdência, da gratuidade da universidade pública, da função das universidades etc.

Toda publicação e publicização nas mídias sociais é uma forma de partilha, sobretudo as que propõem reflexões e engajamento em ações políticas. Mas nem toda informação se propõe a ser educativa. Por isso entendemos, nessa categoria, a educação como prática da liberdade, segundo Freire (1967), ou seja, quando a aprendizagem torna-se colaborativa e contínua, sobretudo fundada no diálogo e na mediação dos conhecimentos de mundo de cada indivíduo envolvido no processo

educativo, dando espaço de fala e escuta, buscando a comunicação como princípio e não a domesticação. No entanto, as ações empreendidas pela página do movimento no sentido de partilhar conhecimentos são poucos, uma vez que a pauta de discussão em geral é informativa ou já definida dentro de um campo de discussão.

O primeiro *post* que consideramos educativo foi realizado no dia 14 de janeiro de 2017 com título “Por que gratuita?” (figura 9), em que promove uma reflexão sobre a importância de se ter uma Universidade pública, gratuita e plural. Essa é uma das questões centrais da página, por isso a postagem no momento imediatamente posterior ao seu fechamento temporário, em 10 de janeiro.

## Figura 9

*Video “Como o Governo trata a UERJ”- Dona de Casa*



UerjResiste (2017g)

Em outra postagem era apresentada uma sequência de divulgação de reflexões do livro “Hoje eu Acordei pra Luta”, lançado em e-book pela



EdUERJ em 2017. O livro se propõe a dialogar com os internautas e, à medida que traz conhecimentos novos, enriquece o diálogo na página.

Outra sequência de postagens que aconteceu entre 17 e 20 de março, trouxe três vídeos que explicam a crise tentando aproximá-la de situações próximas dos cidadãos numa estratégia de gerar empatia na sociedade pela Uerj. Nomeamos essa sequência de vídeos de “Como o Governo trata a UERJ”, que são mostrados nas figuras 9 e 10.

## Figura 10

*Video “Como o Governo trata a UERJ” - Taxista*



UerjResiste (2017h)

Os vídeos têm 50 segundos e trazem metáforas que relacionam o Governo do Estado a uma loja, a um taxista e a uma dona de casa. Os protagonistas dos vídeos são representantes da Asduerj. Eles começam sempre convidando o espectador a imaginar uma situação prática do cotidiano, conforme o texto abaixo:

@UERJResiste: Imagina que você trabalha numa loja. O dono da loja não paga fornecedor. O dono da loja não cuida da limpeza nem da segurança da loja. E aí, ele chega à conclusão que é você que deixa a loja cara. Ele então divide o seu salário em 7 vezes, paga com atraso, insistindo que é você que encarece a loja... Perdoa a dívida do vizinho. Uma dívida que daria para pagar o seu salário por muito tempo. Ainda sobre esse argumento que você encarece tudo, ele ainda gasta o dinheiro, que diz que é pouco, numa cervejaria. Pois é assim que o Governo do Estado do Rio de Janeiro trata as universidades públicas do Rio. (UerjResiste, 2017g)

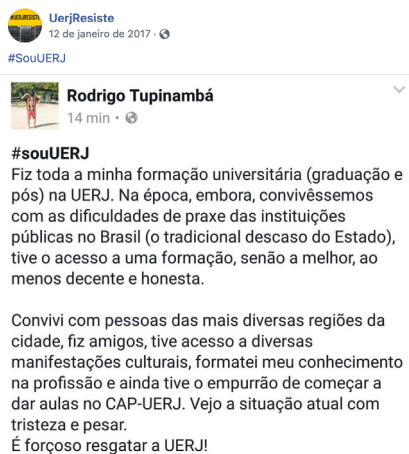
## Poéticas da Identidade

Ao verificar o *corpus* de análise de #UERJResiste, identificamos que os primeiros dias do ano foram marcados por uma mobilização dos internautas em torno da produção de uma identidade coletiva por meio do uso da hashtag #SouUERJ. As poéticas têm um sentido de construção narrativa do fazer poético do qual abordou Aristóteles (2008). Elas partem das experiências individuais, pessoais, íntimas, que desvelam sentimentos para expor uma relação que se faz no coletivo, que expõe a natureza do movimento social em rede e compõe a dramaticidade das cenas públicas produzidas.

Através dessa ação, foram compartilhadas pela página #UERJResiste 20 postagens referentes ao tema, todas no mês de janeiro de 2017. Elas se configuram enquanto uma possibilidade de construção de uma identidade coletiva para o movimento e de uma identidade uerjiana, relativa ao reconhecimento de um pertencimento à Uerj. Ela teve seu funcionamento de maneira orgânica e autônoma entre os usuários do Facebook, conforme vemos nas figuras 11 e 12.

## Figura 11

### Depoimento #SOUUERJ



**UerjResiste**  
12 de janeiro de 2017 · 🌐

#SouUERJ

 **Rodrigo Tupinambá**  
14 min · 🌐

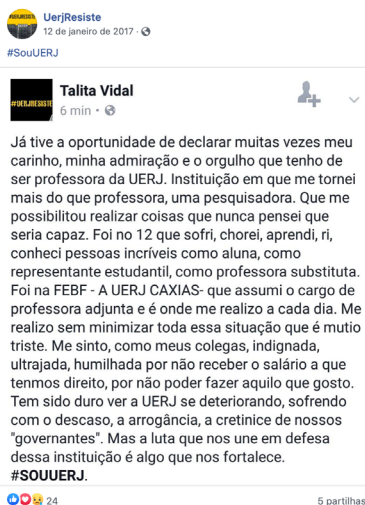
**#souUERJ**  
Fiz toda a minha formação universitária (graduação e pós) na UERJ. Na época, embora, convivêssemos com as dificuldades de praxe das instituições públicas no Brasil (o tradicional descaso do Estado), tive o acesso a uma formação, senão a melhor, ao menos decente e honesta.

Convivi com pessoas das mais diversas regiões da cidade, fiz amigos, tive acesso a diversas manifestações culturais, formatei meu conhecimento na profissão e ainda tive o empurrão de começar a dar aulas no CAP-UERJ. Vejo a situação atual com tristeza e pesar.  
É forçoso resgatar a UERJ!

UerjResiste (2017i)


## Figura 12

### Depoimento #SOUUERJ



**UerjResiste**  
12 de janeiro de 2017 · 🌐

#SouUERJ

 **Talita Vidal**  
6 min · 🌐

Já tive a oportunidade de declarar muitas vezes meu carinho, minha admiração e o orgulho que tenho de ser professora da UERJ. Instituição em que me tornei mais do que professora, uma pesquisadora. Que me possibilitou realizar coisas que nunca pensei que seria capaz. Foi no 12 que sofri, chorei, aprendi, ri, conheci pessoas incríveis como aluna, como representante estudantil, como professora substituta. Foi na FEBF - A UERJ CAXIAS- que assumi o cargo de professora adjunta e é onde me realizo a cada dia. Me realizo sem minimizar toda essa situação que é muito triste. Me sinto, como meus colegas, indignada, ultrajada, humilhada por não receber o salário a que temos direito, por não poder fazer aquilo que gosto. Tem sido duro ver a UERJ se deteriorando, sofrendo com o descaso, a arrogância, a cretinice de nossos "governantes". Mas a luta que nos une em defesa dessa instituição é algo que nos fortalece.

**#SOUUERJ.**

👍👎🔥 24

6 partilhas

UerjResiste (2017j)

Professores, funcionários, alunos e ex-alunos, além de membros da sociedade como universitários de outras instituições, se manifestaram para contar suas histórias e sua relação com a Uerj, indicando, assim, sua identificação com a Universidade. Num contexto geral de análise desses personagens em destaque já comentados, podemos sintetizar a produção de algumas características que perpassam todos os textos. Desta forma, entendemos aqui que essa síntese nos proporciona algumas pistas para a formação de uma identidade do movimento #UERJResiste. Extraímos, então, desses textos algumas características para formatação de uma identidade: resistente, comunitária, relacional, afetiva, notável, periférica, de luta, potente, unida.

### **Considerações Finais**

A atual situação política do país continua colocando em risco o financiamento público e a autonomia das Universidades. Nos últimos anos, a Universidade Pública passou de protagonista à vilã do desenvolvimento do Brasil. Ao longo dos governos presididos pelo Partido dos Trabalhadores (PT), foram ampliados *campi*, inauguradas universidades nos centros urbanos e no interior do Brasil e, além disso, com a política de reserva de vagas, vimos crescer a diversidade racial e de classe nos bancos universitários. Porém, com o avanço do neoconservadorismo com o governo eleito em 2018, a Universidade pública se transformou na principal vilã, bem como opositora ao fascismo crescente. Mas ela acabou por ser o terreno ideológico para contrapor os valores da família, da religião e dos bons costumes, descreditando seu valor científico e sua potência e importância no desenvolvimento do país. Todas essas ameaças

e violências que atingem todas as comunidades acadêmicas incluíram o Brasil no ano de 2019 pela primeira vez no mapa da associação *Scholars at Risk (SAR)*, que é uma rede internacional de instituições acadêmicas que monitora e denuncia ataques às universidades ao redor do mundo por meio do relatório *Free to Think*.(Cafardo, 2020).

Por outro lado, é preciso admitir que existam ressalvas à estrutura e à forma como se colocam as universidades dentro de um sistema meritocrático e elitista em uma sociedade marcada por desigualdades sociais profundas. Precisamos pensar na Universidade autônoma como um espaço mais inclusivo, mais plural, mais aberto, logo mais democrático e que promova mais cidadania. Uma Universidade forte e que também fortaleça a luta das minorias tão negligenciadas pelo Estado e que não perpetue o privilégio de poucos. Esse é um ponto muito sensível e que é usado pelos atores políticos antagônicos para tornar relevante a proposta de privatização do Ensino Superior.

Quanto as formas de publicização desse debate, nos perguntamos ainda, como aprofundar esses temas importantes para a sociedade sem a manipulação de escolhas políticas tal como acontece no Facebook? Podemos confiar nas redes sociais enquanto uma nova esfera pública, de comunicação horizontal e livre? Estas são algumas questões para as quais não temos respostas muito positivas e nem definitivas, mas que apontam caminhos interessantes em novos estudos para os movimentos sociais em rede.

Avaliamos que a atuação de #UERJResiste foi muito bem-sucedida, na medida em que todos os pleitos dos docentes foram atendidos, em certa medida, mesmo que tenha demorado um longo período, por mais de três meses. Inclusive, a proposta de autonomia financeira da Uerj e

de recebimento de duodécimos mensais também foi aprovada passando a valer a partir deste ano, de maneira paulatina. A estratégia de manter uma página dita apartidária, sem identificar se é feita por um sindicato ou pela universidade, mantém certa independência em seu posicionamento e ganha credibilidade fundamental com a imprensa. Aliada a estratégia de expansão da *hashtag* foi criado um verdadeiro mosaico que coloca a resistência da universidade pública como tema favorável para debate nos meios de comunicação tradicionais.

Entendemos que a estratégia de buscar adesão das mídias hegemônicas podem potencializar a comunicação dos movimentos sociais, pois elas ainda detêm grande parte da audiência e gozam de credibilidade na informação. A comunicação pelas mídias sociais por si só pode mobilizar as pessoas, mas entendemos que a mobilização sempre toma um vulto maior com a adesão dos meios de comunicação de massa. É importante, nesse sentido, refletir sobre o papel que as mídias de massa desempenham hoje e como os movimentos sociais podem influenciar na construção de novas narrativas críticas nessas mídias de massa.

Nessa guerra cultural instaurada, a Uerj foi uma espécie de laboratório para fascistas e neoliberais verem cumpridos o desmonte das universidades públicas brasileiras. Diante dos vários discursos de privatização da Educação Pública e de ódio à ciência, entendemos que a defesa da Universidade Pública é elemento fundamental para o desenvolvimento social, tecnológico e econômico, a soberania nacional, a inclusão social e a diminuição das desigualdades sociais, para a melhoria das condições sociais de maneira geral e aprimoramento da própria democracia. Por isso, torna-se cada vez mais fundamental que estudos sobre movimentos como #UERJResiste sejam trazidos ao protagonismo como narrativas

importantes a serem divulgadas, refletidas e discutidas para que continuemos a resistir.

### Referências

- Amer, K., & Noujaim, J. (Director). (2019). *The Great Hack* [filme]. Netflix.
- Aristóteles. (2008). *Poética* (A. M. Valente, trad.). Fundação Galouste Gulbenkian.
- Cafardo, R. (2020, janeiro 20). ‘Ataques a liberdade acadêmica ameaçam todos nós’, diz diretora do Scholars at Risk. *UOL Educação*. <https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2020/01/20/ataques-a-academia-ameacam-todos-nos.htm>
- Castells, M. (2003). *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Zahar.
- Castells, M. (2016). *O poder da comunicação*. Paz e Terra.
- Castells, M. (2017). *Redes de Indignação e de esperança: movimentos sociais na era da internet* (2ª ed). Zahar.
- Cefaï, D. (2017a). Públicos, problemas públicos, arenas públicas: o que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). *Novos estudos CEBRAP*, 36(1), 187-213. <https://dx.doi.org/10.25091/s0101-3300201700010009>

- Cefai, D. (2017b). Públicos, problemas públicos, arenas públicas: o que nos ensina o pragmatismo (Parte 2). *Novos estudos CEBRAP*, 36(2), 129-142. <https://dx.doi.org/10.25091/s0101-3300201700020007>
- Cefai, D. et al. (Eds.). (2011). *Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa*. EdUFF.
- Fragoso, S., Recuero, R. & Amaral, A. (2011). *Métodos de Pesquisa para Internet*. Sulinas.
- Freire, P. (1967). *Educação como prática para liberdade*. Paz e Terra.
- Gohn, M. G. (2003). *Movimentos sociais no início do século XXI*. Vozes.
- Gohn, M. G. (2011) Movimentos Sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, 16(47), 333-361. <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>
- Ministério da Justiça multa Facebook em R\$6,6 milhões em apuração sobre compartilhamento de dados. (2019, dezembro 30). Recuperado de <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/12/30/ministerio-da-justica-multa-facebook-em-r-66-milhoes-em-apuracao-sobre-compartilhamento-de-dados.ghtml>
- Keen, A. (2012). *Vertigem digital*. Zahar.
- Leitão, D., & Gomes, L.G. (2017). Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Revista Antropolítica*, 1 (42), 41-65. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a546>



Laplantine, F. (2004). *A Descrição Etnográfica* (J. M. R. Coelho e S. Coelho, trad.). Terceira Margem.

Malini, F., & Antoun, H. (2013). *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Sulinas.

Mattos, G. (2017, março 24). Pezão decide cortar em 30% os salários dos servidores da Uerj. *Jornal O Dia*. [https://odia.ig.com.br/\\_conteudo/rio-de-janeiro/2017-03-24/pezao-decide-cortar-em-30-os-salarios-de-servidores-da-uerj.html](https://odia.ig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2017-03-24/pezao-decide-cortar-em-30-os-salarios-de-servidores-da-uerj.html)

Moreno, J. B. (2017, janeiro 27). Uerj não fez contenção de despesas, diz Luiz Fernando Pezão. *Rádio CBN*. <https://m.cbn.globoradio.globo.com/programas/cbn-total/2017/01/27/UERJ-NAO-FEZ-CONTENCOES-DE-DESPESAS-DIZ-LUIZ-FERNANDO-PEZAO.htm?fbclid=IwAR06EPtP8mHif10sRLH5C4GbhF2ILSxqYQ7sUyJd-akmuUqqFdoz6wLI8yk>

Pariser, E. (2012). *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Zahar.

Reznik, L. et al. (2019). *70 anos UERJ: 1950-2019*. EdUERJ.

Ribeiro, R. (2019) Autonomia Universitária em Tempos de Guerra Cultural. *Revista da Faculdade de Direito da UERJ*, 35(1), 1-20. <https://doi.org/10.12957/rfd.2019.44010>

Rouvenat, F. (2017, abril 10). Reitor da Uerj retoma aulas, mas diz que não vê solução no curto prazo. *Portal G1*. <https://g1.globo.com/>

rio-de-janeiro/noticia/reitor-da-uerj-retoma-aulas-mas-diz-que-nao-ve-solucao-no-curto-prazo.ghml

Tropiano, A. (2020). *Narrativas da Resistência: o movimento social em rede #UERJResiste no Facebook* [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].

UerjResiste. (s.d.). *Página inicial* [Página do Facebook]. Facebook. Recuperado em março 14, 2020, de <http://www.facebook.com/uerjresiste>

UerjResiste. (2016a, fevereiro 1). *Construa o movimento de apoio à educação pública, gratuita e de qualidade!* [Imagem anexada] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/uerjresiste/photos/a.425027924288526/426071337517518>

UerjResiste. (2016b, agosto 24). *Ilustração: Thais Linhares* [Imagem anexada] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/uerjresiste/photos/a.425027924288526/488027937988524>

UerjResiste. (2017a, janeiro 19). *Considerando o não pagamento das bolsas, o não pagamento dos salários e a ausência de repasses do governo, os diretores de unidades e a reitoria decidiram adiar por mais uma semana o início das aulas. #PagaPezão* [Imagem anexada] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/425027860955199/posts/579274728863844>

UerjResiste. (2017b, fevereiro 1). *“A população precisa estar informada de que não é a UERJ que não quer iniciar as aulas, ela [UERJ] não pode ser irresponsável de iniciar as aulas num cenário caótico”*. Nesta terça, a sub-reitora de graduação, Tânia Netto, concedeu entrevista ao programa *Sem Censura da TV Brasil* e falou sobre a grave

*crise na Universidade* [Vídeo] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/uerjresiste/videos/593097390814911/>

UerjResiste. (2017c, março 24). [Imagem anexada] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/uerjresiste/photos/a.425039584287360/675258962598753/?type=3&theater>

UerjResiste. (2017d, março 1). *Secretário de Ciência e Tecnologia afirmou que quer garantir pagamento integral para toda a rede de Ensino. Vamos aguardar as cenas do próximo capítulo!* [Imagem anexada] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/425027860955199/posts/622609681197015/>

UerjResiste. (2017e, fevereiro 16). *No mês do carnaval, a UERJ dá samba... E O SAMBA APOIA A UERJ! Aluísio Machado é* [Vídeo] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/uerjresiste/videos/608050122652971>

UerjResiste. (2017f, abril 9). *Mateus Solano: “A UERJ é um símbolo de esperança, esperança de que a vida pode ser melhor pela Educação, esperança de que todos podem chegar à Universidade.”* [Vídeo] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/uerjresiste/videos/703235966467719/>

UerjResiste. (2017g, março 20). *O governo do Rio deixa de comprar a merenda do filho para bancar a cerveja do papai. Enquanto o bandeirão da UERJ não funciona por falta de repasses, empresas como a dona da marca Itaipava devem milhões em impostos sonogados e, ainda assim, recebem gordas isenções fiscais. Pode isso?* [Vídeo] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/uerjresiste/videos/659850964139553/>

UerjResiste. (2017h, março 18). *O governo espalha por aí que a UERJ hoje é mais cara do que era há alguns anos. O que Pezão esquece de dizer é que os custos eram reduzidos por um mecanismo ilegal de contratação de funcionários não concursados. Esquece de dizer também que a UERJ cresceu não só no número de alunos, mas também em sua presença nos municípios fluminenses.* [Vídeo] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/uerjresiste/videos/654463351344981/>

UerjResiste. (2017i, janeiro 12). #SouUERJ [Imagem anexada] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/425027860955199/posts/573891709402146>

UerjResiste. (2017j, janeiro 12). #SouUERJ [Imagem anexada] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/425027860955199/posts/573961519395165/>

UerjResiste. (2018, outubro 31). *Ilustração: Tavarez* [Imagem anexada] [Atualização de status]. Facebook. <https://www.facebook.com/uerjresiste/photos/a.425027924288526/1269532923171351/>

Uerj terá orçamento 2% menor que o executado em 2015, diz novo reitor. (2016, janeiro 12). <https://oglobo.globo.com/rio/uerj-tera-orcamento-2-menor-que-executado-em-2015-diz-novo-reitor-18456326>

Uerj vai recorrer ao STF autonomia financeira para obrigar RJ a repassar verba. (2017, março 21). Recuperado de [https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/uerj-vai-recorrer-ao-stf-autonomia-financeira-para-obrigar-rj-a-repassar-verba.html?fbclid=IwAR2pwFpZ-IMN0OwWcTX5OJgg\\_9HHnBP-tgojRnyBzL-Qo0U\\_4tGPOxfec6g](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/uerj-vai-recorrer-ao-stf-autonomia-financeira-para-obrigar-rj-a-repassar-verba.html?fbclid=IwAR2pwFpZ-IMN0OwWcTX5OJgg_9HHnBP-tgojRnyBzL-Qo0U_4tGPOxfec6g)